



# mutações do laço social o novo nas parcerias

XXIV  
Jornada  
EBP-MG  
{fora de série}

## Da independência à coragem do amor<sup>1</sup>

Virgínia Carvalho

Em “A teoria sueca do amor”, Erik Gandini – diretor premiado por sua crítica contumaz ao consumismo, nos traz uma série de testemunhos que encenam mutações no laço social não circunscritas apenas ao *sui generis* modo de vida dos suecos. Embora o amor apareça no título, todo o enredo nos leva à pergunta sobre onde ele estaria nessa cultura em que a independência é um imperativo coletivo à serviço do welfare state. Essa noção, na definição comum dos manuais de ciência política, refere-se a uma responsabilidade do Estado no sentido de garantir o bem-estar básico dos cidadãos. Esping-Andersen (1991) questiona o que seria esse bem-estar básico, chamando atenção de que o welfare não pode ser compreendido apenas em termos de direitos e garantias, pois “as atividades estatais se entrelaçam com o papel do mercado e da família em termos de provisão social”. Ele lembra que os proprietários de terra tem função central no desenvolvimento do welfare state, o que ocorreu na Suécia, país em que o pleno emprego estava articulado a subsídios aos preços agrícolas. No documentário de Gandini assistimos ao que Lacan (1971-1972/2011) nomeou como forclusão (*Verwerfung*) das coisas do amor: iniciativas que partem do capitalismo e deixam de fora, rejeitam, a castração.

As primeiras imagens são a de uma Suécia que fora nomeada como o país com o “padrão de vida mais elevado do Mundo”(Revista Life, 1938), onde “tudo ia bem”, com conforto, progresso e confiança em seus líderes. O ensejo de se libertarem de antigos costumes e estruturas familiares antiquadas que controlavam a maneira de fazerem laço e deixá-los dependentes uns dos outros, abriu o caminho para que alguns políticos criassem o manifesto “Familjen i framtiden: en socialistisk familjepolitik”, “A família do futuro”. No centro desse escrito estava o princípio de que toda pessoa deveria ser considerada como um indivíduo independente e não como um apêndice de outro. Tratava-se de “libertar mulheres de homens, anciãos de seus filhos e adolescentes de seus pais”, a partir da criação pelo Estado de condições econômicas e sociais para que cada um

<sup>1</sup> Texto escrito a partir do trabalho realizado no cartel sobre Amores Fluidos, coordenado por Ludmilla Féres Faria, em preparação para a XXIV Jornada da EBP-MG, de onde também surgiu a indicação do documentário.

fosse independente como indivíduo. De acordo com os testemunhos apresentados, 40 anos após o Manifesto, tal ideal se traduziu na cultura como isolamento: pessoas fechadas em suas casas, procriando e morrendo sós.

Ao invés de cenas ou relatos de amor com tentativas de enodamento dos corpos que não se enodam jamais (Lacan, 1972-73), assistimos a sua exclusão, tal como na cena da home insemination, que busca cada vez mais dispensar o contato físico: “queria filhos, não uma relação”. No filme, vemos de um lado homens solitários doando seus espermatozoides e, de outro, uma mulher em sua casa, recebendo a encomenda escolhida na lógica da “criança zero defeito” (Laurent, 2013). A narrativa que se escuta no momento da “concepção” dessa criança vem das recomendações que incluem relaxar e tentar um orgasmo para trazer boas vibrações. O idealizador do espermatozóide congelado acredita que em breve as mulheres poderão se servir de fantasias filmadas e colocadas em um óculos virtual que as encenará passeando pela praia ou até em relações sexuais com os doadores, “simplesmente sem ter contato físico”. Vemos aí nessa “indústria extraordinária da fantasia” (Miller, 2015, p.114) mais uma exclusão do amor propiciada pela aliança do discurso da ciência ao capitalismo.

Nessa “sociedade de indivíduos”, como se nomeiam, um em cada quatro cidadãos morre em casa sozinho muitas vezes sem que ninguém dê falta. Sem parentes, sem amigos, até mesmo para receber o alto montante de dinheiro acumulado durante a vida. Os trabalhadores responsáveis por buscar pistas sobre a família do morto percebem grande aumento no número de casos como o do homem que se matou e teve o corpo encontrado apenas dois anos depois, quando o odor já incomodava os vizinhos: “Serão casos isolados ou é o que acontecerá com milhares de nós vivendo nesse mundo organizado, eficiente, sistema de bem estar e autonomia pessoal?” - perguntam-se, acreditando estarem cegos por independência.

É possível pensarmos em independência quando levamos em conta que somos falas-eres? Essa “não-dependência” ou essa “profilaxia da dependência”, para usarmos os termos de Lacan (1959-1960/2008, p.21), é um ideal inalcançável pois, ainda que falemos sozinhos e que o Outro não exista, isso não vai sem Outro (Lacan, 1972-73/1985). Nas palavras de Lacan (1973/2003): “No desatino de nosso gozo, só há Outro para situá-lo” (p.533). Nesse sentido, a solidão é uma ilusão, pois é impossível falarmos sem o Outro da linguagem (Brousse, 2019), ainda que utilizemos poucas palavras, como ensina a professora Nhela, ao apresentar os valores e a cultura sueca para seus alunos.

Para La Sagna (2007), o isolamento é uma tentativa de construção de um muro para refugiar-se do Outro e de sua ausência de garantias. Para não ter que lidar com a inexistência do Outro, o sujeito o exclui. Por medo de ser deixado pra trás, foge das relações. Esse afastamento dos outros é uma busca por evitar a solidão constitutiva do falasser. Diferente do isolamento, a solidão ocorre a partir de uma separação do Outro, o que é diferente de seu rechaço. Poder se separar do Outro requer levar em conta uma fronteira comum.

A experiência da Suécia nos mostra o isolamento de uma cultura, com rechaço do Outro e não a solidão. Essa lógica de funcionamento também parece perpassar o modo de laço na contemporaneidade Un-dividualista (Miller, 2012) em que vivemos. Especialmente, o modo fóbico de os jovens se enlaçarem hoje.

Gandini parece nos alertar para que apostemos no laço social pela união, tal como os jovens que criam pequenos santuários nos bosques da Suécia para tocarem os corpos uns dos outros e se sentirem felizes criando calor, conexão e amor. Mas, isso recairia em um ideal, levando-nos a outra armadilha: a do todos juntos. É o que se escuta na fala do criativo ortopedista Érik Erichsen, que acredita que o problema “espiritual” da Suécia supera a necessidade material africana e do sociólogo Zygmund Bauman, autor de “Amores Líquidos”, entrevistado aos 90 anos. A psicanálise não acredita numa salvação pela união coletiva do amor ao próximo, o que Freud (1930/2020) trabalhou extensamente em seu Mal-estar.

Para Bauman, pessoas capacitadas na independência estão perdendo sua habilidade para negociar a convivência com as outras, uma vez que socializar é cansativo e requer muito esforço. É o que ele vê acontecer na vida on-line, em que se foge dos riscos da diversidade presente nos modos de sermos humanos que se mostra na vida off-line. O documentário se encerra com

a fala de que quanto mais independente, menos capaz de deter essa independência e substituí-la por uma agradável interdependência: no final da independência está, não a felicidade, mas uma perda de sentido da vida e um tédio inimaginável.

A psicanálise faz uma aposta na solidão. Não nesse isolamento que o ideal da independência fomenta. Como temos visto na pandemia, os analistas buscam furar o isolamento levando em conta a solidão – daí não terem recuado frente aos atendimentos on-line. A proposta psicanalítica estaria mais próxima da construção de uma “solidão menos precária” (Brousse, 2019), que vise romper o isolamento narcísico da independência: um pequeno deslocamento do sozinho ao sozinho com (Brousse, 2019).

Lacan (1971-72/2011) lembra que “para se ter uma ideia sadia do amor, talvez fosse preciso partir de que, quando ele entra em jogo, mas a sério”, “é sempre com o cacife da castração”. Daí ele poder ser suplência da relação sexual que não há. Se ele pode falar de um amor mais digno, “mais digno que a profusão do palavratório que ele constitui até hoje” (1980/2003), é porque apostou num amor a partir dessa solidão: estar só mas não sem o gozo.

Poderíamos, então, fazer um deslocamento da teoria sueca do amor, que se baseia na independência entre as pessoas e na própria exclusão do amor, para uma teoria lacaniana do amor, que o aproxima da coragem? Lacan (1972-73/1985) diz: “Do parceiro, o amor só pode realizar o que chamei, por uma espécie de poesia, para me fazer entender, a coragem, em vista desse destino fatal” (p.197). Para seguir o estilo com o qual tem se configurado a Jornada, encerraremos com Guimãraes Rosa: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.

## Referências Bibliográficas

Brousse, M.H. Entrevista: Solidão. Retirado em 22/08/20 de: <https://www.youtube.com/watch?v=WF-jmP6nSk9o>

Esping-Andersen, G. (1991). As três economias políticas do welfare state. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, (24), 85-116. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451991000200006>

Freud, S. (1930/2020). O Mal-estar na cultura. In: Freud, S. Cultura, Sociedade, Religião. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte, Autêntica.

Lacan, J. (1959-60/2008). O Seminário: livro 7. Rio de Janeiro: JZE.

Lacan, J. (1971-72/2012) O Seminário: livro 19. Rio de Janeiro: JZE.

Lacan, J. (1971-72/2011). Estou falando com as paredes. Rio de Janeiro: JZE.

Lacan, J. (1972-73/1985). O Seminário: livro 20. Rio de Janeiro: JZE.

Lacan, J. (1973/2003). Televisão. In: Lacan, J. Outros escritos. Rio de Janeiro: JZE.

Lacan, J. (1973-74). Les non-dupes errent. Inédito.

Lacan, J. (1980/2003). Nota italiana. In: Lacan, J. Outros escritos. Rio de Janeiro: JZE.

La Sagna, P. (2007). De l'isolement à la solitude. La Cause freudienne, (2), 43-49.

Laurent, E. (2013). A crise do controle da infância. In: Brisset, Fernanda Otoni; Santiago, Ana Lydia; Miller, Judith. Crianças falam! e tem o que dizer: experiências do CIEN no Brasil. Belo Horizonte: Scriptum.

Miller, J-A. (2012). Contracapa do Seminário 19. Lacan, J. O Seminário: livro 19. Rio de Janeiro: JZE.

Miller, J-A. (2013). Falar com o corpo. Disponível em: [http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Argumento/Conclusion-de-PIPOL-V\\_Jacques-Alain-Miller.html](http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Argumento/Conclusion-de-PIPOL-V_Jacques-Alain-Miller.html)

Miller, J-A. (2015). O osso de uma análise +O inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro: JZE.

Rosa, J.G. (2019). Grande sertão veredas. São Paulo: Companhia das Letras.